

Espaço visual e espaços acústicos pré-euclidiano e pós-euclidiano

Diogo Silva da Cunha¹

Resumo:

Este artigo dá conta dos desenvolvimentos conceptuais das noções de 'espaço visual' e de 'espaço acústico' de Marshall McLuhan. Vindo da Escola Canadana da Comunicação e considerado um dos fundadores da Ecologia dos *Media*, McLuhan articulou mudança tecnológico-ambiental, transformações neurológico-civilizacionais e crítica da cultura ocidental. Desenvolveu uma teoria antropotécnica das modalidades de mediação na qual os *media* são definidos enquanto extensões do corpo, da mente e dos sentidos. A partir dos anos 60, McLuhan iniciou uma reflexão acerca das transformações do *sensorium* nas configurações do espaço através do contraste conceptual, cultural e histórico entre 'espaço visual' e 'espaço acústico'. Indicou que a experiência quotidiana é sobretudo da ordem da percepção visual, da exploração táctil e cinestésica da profundidade tridimensional da paisagem. O som, porém, não tem os limiares de continuidade e densidade da visão. O 'espaço acústico' (primeiramente chamado 'auditivo') não tem nem os limites nem a orientação precisa da visualidade. No entanto, na civilização ocidental, a filosofia grega, a tradição cristã e a ciência desconfiaram do ouvido e deram primazia ao olho. Nos seus textos publicados postumamente em 1988 e 1989, McLuhan sugeriu que o 'espaço visual' se impôs a partir do colapso da tradição oral e da supremacia lógico-científica ocidental. O 'espaço visual' tem assim o seu equivalente no 'espaço euclidiano'. Antes dele o que havia era, pois, um 'espaço acústico' pré-euclidiano. A partir do século XX, porém, a ruptura da geometria euclidiana assinalou a obsolescência do 'espaço visual' e abriu portas, considera o autor, a um espaço invisual de informação simultânea e global. Este 'espaço acústico' é assim pós-euclidiano. Quais são as diferenças entre o 'espaço acústico' pré-euclidiano e o pós-euclidiano? Como é que o 'espaço visual' tornou obsoleto um tipo de 'espaço acústico' mas foi ele mesmo tornado obsoleto por outro tipo de 'espaço acústico'?

Palavras-chave:

Cibercultura, Espaço acústico, Espaço euclidiano, Espaço visual, Mediação

Introdução

As reflexões de Marshall McLuhan acerca da tecnologia e dos *media* enquanto extensões das faculdades humanas foram profundamente estudadas nos últimos anos. Porém, as suas meditações dos anos 60 acerca das transformações do *sensorium* nas configurações do espaço, no

¹ Diogo Silva da Cunha é investigador integrado no Grupo de Investigação em Filosofia das Ciências Humanas, Ética e Política do Centro de Filosofia das Ciências da Universidade de Lisboa. É licenciado em Jornalismo pela Escola Superior de Comunicação Social e frequenta o Mestrado em História e Filosofia das Ciências na Faculdade de Ciências. Telf.: 217500365. Email: cunhadiogo15@gmail.com.

contraste entre 'espaço visual' e 'espaço acústico', deixam lugar para indagação.

Nesses textos, McLuhan diferencia modalidades de espacialidade de acordo com uma ordem sensorial, identificando culturas que se organizam de acordo com estas através da determinação do desenvolvimento tecnológico sobre o sistema nervoso humano. O autor descobre dois tipos de culturas acústicas, uma euclidiana e uma pós-euclidiana. Neste texto exponho a distinção conceptual entre ambas e procuro explorar o modo como a cultura visual tornou obsoleta um tipo de cultura acústica, e como essa cultura visual foi tornada obsoleta por outro tipo de cultura acústica.

Espaço acústico e espaço visual

McLuhan tem uma concepção aristotélico-tomista de '*sensus communis*', ou seja, defende que os diferentes sentidos se encontram na taticidade. Não obstante o seu encontro, os sentidos constroem diferentes espacialidades (Carpenter & McLuhan, 1960). O carácter háptico do encontro dos sentidos permite a coexistência de todos os espaços na sinestesia da exploração da realidade sensível. Os diferentes espaços são delimitados por 'intervalos ressonantes' (McLuhan, 1964; McLuhan & Fiore, 1967; McLuhan & McLuhan, 1988; McLuhan & Powers, 1995 [1989]), relações dinâmicas e de pressão cinética, limites descontínuos e invisíveis resultantes da justaposição dos espaços. No discurso da Gestalt, isto significa que o intervalo define a relação entre figura e fundo, dando conta da configuração figural. McLuhan subscreve uma posição metafórica destas noções da Gestalt, pensando-as não a partir da percepção visual mas das situações culturais.

A forma espacial mais natural é a acústica, porque a visualidade da criança é bidimensional, portanto a sua exploração da envolvente deriva mais de uma orientação sonora do que visual. As propriedades do espaço acústico são a esfericidade, a descontinuidade e o fluxo dinâmico, porque, respectivamente, não existe um foco auditivo favorito, a figura e o fundo se confundem e o fluxo sonoro permite a transformação dinâmica entre figura e fundo. O modo acústico de cognição é a mimese, a interacção intrínseca entre agente cognitivo e objecto.

Durante a exploração, o ser humano precisa, todavia, de identificar tridimensionalmente os objectos que o rodeiam. Para isso, com o desenvolvimento da profundidade, constrói um artefacto, o espaço visual. As características deste são a planicidade, a continuidade e abstracção pictórica, visto que, respectivamente, há um foco visual preferido, a figura diferencia-se sempre do fundo e a figura está como que encaixotada num recipiente no qual mantém relações sequenciais com outras figuras. O modo visual de cognição é a abstracção, a separação sequencial dos objectos distribuídos pelo espaço físico.

A partir das investigações neurológicas de Trotter, McLuhan atribuiu a cada um dos hemisférios cerebrais os modos de cognição dos espaços referidos (McLuhan & McLuhan, 1988). O hemisfério direito é acústico, o esquerdo visual. Não obstante as assimetrias funcionais dos hemisférios, o corpo caloso permite a cooperação para a unidade psíquica. A resolução das assimetrias sensoriais corresponde a um encontro dos sentidos.

Da cultura acústica pré-euclidiana à cultura visual

As noções de espaço acústico e de espaço visual são apresentadas por McLuhan à luz da sua concepção antropológica e ecológica da tecnologia e dos *media* (McLuhan, 1964; McLuhan & Fiore, 1967). Enquanto extensões das modalidades dos sentidos e dos modos de cognição, os *media* exercem uma amputação dos órgãos ao se estabelecerem como próteses, como substitutos técnicos da matéria orgânica. Ao projectarem as faculdades cognitivas, os *media* criam ambientes nos quais operam e de que são parte. Os ambientes são naturalizados por um processo activo de imersão. Apenas conseguimos perceber um ambiente no contraste com um 'anti-ambiente', como o peixe apenas descobre a água na qual nada quando algo a substitui. O ambiente antigo tem com o anti-ambiente que o substitui uma relação de conteúdo-forma, porque o primeiro é compreendido apenas no fundo do último. O conteúdo de um meio opera, assim, enquanto um ambiente dentro de outro, ajudando a definir as regras gerais de engajamento ambiental (Levinson, 1999), embora a sociedade nunca seja plenamente ambiental, porque permanece alheia ao seu fundo (Subtil, 2006).

Esta concepção ecológica gera uma versão revisionista da história, uma filosofia da história assente na substituição de ambientes determinada pela mudança tecnológica. O espaço acústico é o ambiente mais natural, a sua estrutura tecnológica é o *logos*. A tradição oral desempenha um papel vinculativo que torna o olho subserviente do ouvido. Os povos pré-letrados e as culturas orientais fazem linguagem e referente coincidir em processos criativos, como nos rituais, nas danças, esculturas, litografias e tapeçarias. Para McLuhan, todos eles são orientados pela interacção perceptiva e não pelo isolamento, atentos às mudanças nas configurações ambientais. Inclusivamente no ocidente, com Heráclito, Anaximandro e Empédocles, o *logos* começou por ser a causa formal do cosmos, e a mimese o vínculo de coesão tribal.

A invenção do alfabeto, através da criação da consoante, deu início às culturas visuais, embora a mudança total de uma cultura para a outra tenha demorado séculos. Para McLuhan, o alfabeto, a escrita e a geometria suprimiram a criatividade oral. O colapso da tradição oral mergulhou os povos do ocidente num estado de hipnose, no ataque contínuo de um sentido sobre os restantes.

A invenção da consoante afastou a visão dos restantes sentidos. As vogais podem existir por si mesmas na linguagem, mas as consoantes são representações abstractas da correspondência biunívoca entre um valor acústico e um valor visual. Não há relação dinâmica entre estes dois valores, são figuras estáticas sem fundo. Esta abstracção teve três efeitos: o esvaziamento denotativo dos sinais do alfabeto, a reprodutibilidade mecânica das línguas, e o efeito psicológico da interiorização. O último efeito angustia McLuhan (McLuhan & McLuhan, 1988). Trata-se da separação entre experiência interna e externa: quando aprendemos um conjunto de marcas, os conceitos a que se ligam deixam de ser objectos de pensamento, tornam-se percepções. Por conseguinte, tal como uma abstracção se traduz por uma figura-menos-fundo, o alfabeto traduz-se enquanto percepção-menos-conceito. Esta supressão corresponde a uma "mimese da dissociação das sensibilidades perceptivas" (*idem*: 16), na

medida em que a supressão do fundo está vinculada à dominação da visualidade. Como McLuhan denuncia, o facto de se tratar de uma mimese é paradoxal, no sentido de que a mimese é o modo de cognição do espaço acústico.

Esta mimese do fundo alfabético apresentou-se na forma da geometria, do atomismo e da lógica. Na geometria, Euclides fixou o homem enquanto figura num espaço rígido, de construção de figuras geometricamente perfeitas. A tradução física deste espaço é o da moldura material do universo. Os atomistas Leucipo e Demócrito impuseram este espaço geométrico, reforçado pela noção de vazio. Na lógica, o silogismo encapsulou a conectividade da abstracção.

O espaço visual impõe-se amplamente na civilização ocidental. As sociedades ocidentais pensam em termos de modelos visuais. Os ocidentais são pessoas visualmente orientadas. Este visualismo mantém-se de forma difusa nas propriedades da visão e no uso de metáforas visuais, mas encontra-se também na história da filosofia, da ciência e da arte, particularmente no desenvolvimento da lógica, da perspectiva e, depois de a tecnologia de Gutenberg ter ampliado as características do mundo visual, no desenvolvimento do mecanicismo na cosmologia, com Galileu, Descartes e Newton.

Da cultura visual à cultura acústica pós-euclidiana

O surgimento da electricidade alterou, com o nascimento do telégrafo, o paradigma ocidental, através do reaparecimento da sensibilidade espacial pré-euclidiana. Esta ruptura reintroduziu o modo cognitivo da mimese.

McLuhan verifica a mudança em diversos domínios de actividade. Nas correntes literárias do romantismo, modernismo e simbolismo, com Goethe, Eliot, Baudelaire e Poe, ganhou relevo o lugar do fundo, da simultaneidade, da descontinuidade, da criatividade, da subjectividade e da irracionalidade. Com o simbolismo, autor e texto articulam-se com o leitor, lembrando a criatividade mimética dos povos pré-letrados. Na composição musical, Schoenberg abandonou o princípio da tonalidade, da singularidade, em favor da atonalidade, do mosaico de elementos em relação numa composição. Na pintura, o cubismo, com Picasso e Braque, permitiu abandonar os pontos de vista fixos e a perspectiva, para apresentar o objecto de várias perspectivas em simultâneo, por meio de jogos de transparências. Na arquitectura, Le Corbusier apoiou-se no mesmo princípio para jogar com os espaços interiores e exteriores. Na tradição fenomenológica de Husserl e de Heidegger, a procura das essências corresponde a uma busca de fundos. Na física, assistiu-se a uma remoção de noções absolutas de tempo e de espaço e à adopção de conceitos dinâmicos, como os de complementaridade, relatividade, campo, quanta, incerteza, ressonância, e mecânica de ondas, com Bohr, Planck, Einstein, Heisenberg e Louis de Broglie.

Na óptica de McLuhan, esta descontinuidade difusa faz colapsar não só o mecanicismo como também a própria geometria absoluta de Euclides. Deixa de haver limiares lineares. No seu lugar surgem as ressonâncias acústicas de um espaço não limitado. Surge um espaço neo-acústico ou espaço

acústico pós-euclidiano. Embora o padrão comportamental ocidental continue a elogiar a linearidade e a sequencialidade, particularmente nos seus vínculos políticos, legais, comerciais e educativos, as tecnologias ocidentais são, na sua natureza e nos seus efeitos, orientais. A partir do século XX, não se trata já de circulação eléctrica, mas da imediaticidade informacional permitida pela electrónica, na tradução acelerada das modalidades mediáticas umas nas outras. O computador, através da CPU, permitiu transformar os impulsos eléctricos em manipulação de dados, transformar as séries temporais em informação interna ao processamento. O computador pode, destarte, criar a sua temporalidade, o seu fundo.

McLuhan morreu em 1980, nove anos antes da invenção da World Wide Web de Berners-Lee. O autor não pode experienciar o digital nos moldes actuais. No entanto, fez várias previsões. Para McLuhan, o novo espaço acústico instituiu um novo modo de estar a que dá o nome de 'robotismo': "a capacidade de ser uma presença consciente em vários lugares ao mesmo tempo" (McLuhan & Powers, 1995 [1989]: 91). Trata-se de imaginar a cultura em analogia com um circuito eléctrico, como um conjunto de pontos de igual importância para a manutenção de uma rede, sem o embaraço do absoluto e do ideal. As previsões de McLuhan fizeram-no rescrever o seu famoso adágio de que o meio é a mensagem: "A verdadeira mensagem dos meios hoje é a ubiquidade. Já não se trata de algo que fazemos, mas de algo de que fazemos parte" (McLuhan, 1996). Embora McLuhan diagnostique no robotismo um efeito descentralizador e, nessa medida, o elogie entusiasticamente, não deixa de assinalar que o homem robotista se assemelha a um morto, porque nele se extinguiu a necessidade de pensar, se extinguiu o hemisfério esquerdo.

Na extensão das teses de McLuhan, Paul Levinson tem vindo a defender que a configuração contemporânea do espaço acústico é o ciberespaço, dada a capacidade participativa que oferece aos utilizadores, a possibilidade criativa idêntica à de um *logos* pré-letrado (Levinson, 1999).

Conclusão

As diferenças fundamentais entre o espaço acústico pré-euclidiano e o pós-euclidiano reportam assim às transformações do *logos* enquanto artefacto: à recuperação de um *logos* ontologicamente inscrito, instância do pensar na sua mediação entre pensador e pensado, um *logos* cujo sujeito se funde com o objecto. No entanto, se o espaço acústico pré-euclidiano está ligado à palavra enquanto manifestação oral, o espaço acústico pós-euclidiano está vinculado à palavra enquanto código. A ironia deste fenómeno é assinalável, visto que para chegar à sua nova forma acústica o *logos* precisou de ser transformado em sequência numérica. Assim sendo, só o recurso à estética sonora do *logos* enquanto tecnologia pré-letrada parece iluminar a obsolescência do espaço visual provocada por um novo espaço acústico.

O colapso da tradição escrita e a emergência do robotismo e dos seus movimentos descentralizadores abre-se a duas interpretações – as quais não posso agora senão enunciar a título de hipótese. Por um lado, permite-nos pensar que o desenvolvimento tecnológico instituiu um ambiente propício ao encontro dos sentidos, visto que o espaço acústico se

caracteriza geneologicamente por ser multissensorial. No entanto, por outro lado, o diagnóstico de McLuhan pode indicar precisamente o contrário, pode ser indício de um novo estado de hipnose, de um novo ataque de um sentido sobre os restantes, o que bem se vê na ideia de que o espaço acústico pós-euclidiano anula o pensamento. A questão implícita é: será que as diferenças entre o espaço acústico pré-euclidiano e o espaço acústico pós-euclidiano são de tal ordem que não devemos atribuir ao segundo o mesmo tipo de natureza que ao primeiro? Ou, dito de outro modo, não será que as tecnologias contemporâneas são de tal maneira distintas das antigas, não só pela sua capacidade reprodutiva como, sobretudo, pela sua potência produtiva, que a comparação entre ambas se torna obscura?

Bibliografia

Carpenter, Edmund & McLuhan, M. (1960) "Acoustic Space", in Carpenter, E. & McLuhan, M. (eds.) (1960) *Explorations in Communication*. Boston: Beacon.

Levinson, Paul (1999) *Digital McLuhan. A Guide to the Information Millennium*. Londres: Routledge.

McLuhan, Marshall (1996) "Channeling McLuhan. The Wired Interview with the magazine's patron saint, by Gary Wolf", in *Wired*, Issue 4.01, Jan. 1996.

McLuhan, Marshall (1964) *Understanding Media*. Nova Iorque: Mentor.

McLuhan, Marshall & Fiore, Q. (1967) *The Medium is the Massage: An Inventory of Effects*. Nova Iorque: Bantam.

McLuhan, Marshall & McLuhan, E. (1988) *Laws of Media: The New Science*. Toronto: University of Toronto Press.

McLuhan, Marshall & Powers, B.R. (1995 [1989]) *La Aldea Global. Transformaciones en la vida y los medios de comunicación mundiales en el siglo XXI*. Barcelona: Gedisa.

Subtil, Filipa (2006) *Comprender os Media: As Extensões de Marshall McLuhan*. Coimbra: MinervaCoimbra.